

**AS INTERVENÇÕES NO *ESPELHO DA CRUZ* DO CÓD. ALC. 221:
UMA ANÁLISE EM DIFERENTES PERSPECTIVAS**

***THE INTERVENTIONS IN THE MIRROR OF THE CROSS OF CODEX ALC.
221: AN ANALYSIS FROM DIFFERENT PERSPECTIVES***

Marcos Alexandre dos Santos¹
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar uma análise em diferentes perspectivas das intervenções realizadas no texto da tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* do códice alcobacense 221 da Biblioteca Nacional de Portugal, um tratado ascético baseado na Paixão de Cristo que trata Jesus e sua vida como exemplo a ser seguido pelos fiéis. Foram identificadas 792 intervenções, as quais foram classificadas em quatro tipos quanto à forma (*adição, cancelamento, substituição e alteração de ordem*), em três tipos quanto à relação entre a forma final no cód. alc. 221 e a no cód. alc. 89, provável modelo para o alc. 221 (*reprodução, reversão e inovação*) e em nove tipos relevantes quanto à motivação da divergência entre as formas nos códs. 89 e 221. O tipo de intervenção mais frequente quanto à forma é a adição; os tipos de relação mais frequentes são reversão e inovação, com valores próximos; e os tipos mais frequentes quanto à motivação da divergência são erro de cópia nos casos de reversão e lusitanização nos casos de inovação.

Palavras-chave: Crítica Textual; *Espelho da Cruz*; Tradução; Língua Portuguesa; Manuscrito.

Abstract: The aim of this study is to present an analysis from different perspectives of the interventions carried out in the text of the medieval Portuguese translation of the *Mirror of the Cross* of the alcobacensis codex 221 of the National Library of Portugal, an ascetic treatise based on the Passion of Christ that treats Jesus and his life as an example to be followed by the faithful. A total of 792 interventions were identified, which were classified into four types in terms of form (*addition, cancellation, substitution and change of order*), in three types in terms of the relationship between the final form in the cod. alc. 221 and in cod. alc. 89, likely model for alc. 221 (*reproduction, reversal and innovation*) and in nine relevant types in terms of the motivation of the divergence between the forms in cods. alcs. 89 and 221. The most frequent type of intervention in terms of form is addition; the most frequent types of relationship are reversal and innovation, with similar values; and the most frequent types in terms of the motivation for divergence are copy error in cases of reversal and Lusitanization in cases of innovation.

Keywords: Textual Criticism; *Mirror of the Cross*; Translation; Portuguese Language; Manuscript.

1 INTRODUÇÃO

¹ Bacharel em Letras/Edição pela Faculdade de Letras da UFMG e mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) na mesma universidade. Atualmente cursa doutorado em Estudos Linguísticos também pelo Poslin como bolsista da CAPES na área de Linguística Teórica e Descritiva: Estudo da Variação e Mudança Linguística. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1645-3608>.

Na Idade Média, a atividade de cópia era o único meio de disseminação de textos. Na Europa, essa atividade foi potencializada a partir do trabalho de membros de instituições religiosas, que produziam traduções e novas cópias de textos já existentes, na maior parte obras religiosas. No entanto, essa atividade era sujeita a interferências com diferentes motivações. Dessa forma, o resultado era um registro escrito com diversas marcas decorrentes da natureza do processo. Pretende-se, neste trabalho, analisar as intervenções presentes na obra *Espelho da Cruz* do cód. alc. 221.

O *Espelho da Cruz* é um tratado religioso em cinquenta capítulos baseado na Paixão de Cristo no qual a imagem de Jesus é tomada como fonte de ensinamentos, ou seja, um exemplo a ser seguido pelos fiéis na vida diária. Foi escrito pelo frade dominicano Domenico Cavalca, do Convento de Santa Catarina de Pisa, na Itália, no século XIV, e desde então difundido por meio de cópias e edições impressas e traduzido para algumas línguas românicas, dentre elas, o espanhol, o catalão e o português.

A tradução portuguesa do *Espelho da Cruz* foi preservada em dois testemunhos: nos cód. alcs. 89 e 221, hoje na Biblioteca Nacional de Portugal. Cornagliotti e Piccat (1993, p. 335) defenderam que o cód. alc. 89 foi modelo para o cód. alc. 221, tese que recentemente foi reiterada por Bico (2021) com base em uma análise considerando tanto a materialidade quanto a textualidade dos testemunhos. Um primeiro estudo de intervenções nos dois referidos testemunhos foi pioneiramente realizado por Cornagliotti e Piccat (1993) e recentemente ampliado por Bico (2021). Embora com pontos de contato, no presente estudo apresenta-se uma análise diferente da existente nesses dois referidos estudos, uma vez que se trabalha aqui com categorias distintas de interpretação dos dados, além de se basear em edição própria do cód. alc. 221 (SANTOS, 2019).²

2 DELIMITAÇÕES TEÓRICAS

Os testemunhos portugueses do *Espelho da Cruz* apresentam dois grandes tipos de intervenções: relacionadas à modificação dos padrões linguísticos do texto, como já haviam apontado Cornagliotti e Piccat (1993), e relacionadas ao próprio processo de

² Como exemplo de divergência de leitura de manuscrito, pode-se citar o trecho *rogo che* (alc. 89, f. 17r2), para o qual Bico (2021, v. 2, p. 42) não considerou existir divergência entre os cód. alcs. 89 e 221, mas se considerou no presente estudo que houve efetivamente intervenção no alc. 221 (f. 14r12), com substituição de *che* por *te* através de modificação do dígrafo *ch* em *t*.

cópia, aspecto contemplado por Bico (2021).³ Nem sempre, no entanto, é possível diferenciar com clareza cada caso. Nas duas subseções que se seguem, abordam-se algumas questões relativas a esses dois temas, a fim de fundamentar a análise apresentada neste estudo.

2.1 AS LÍNGUAS ROMÂNICAS DA PENÍNSULA IBÉRICA: DISSONÂNCIAS E IDIOSINCRASIAS

Com o avanço da Guerra da Reconquista ao longo da Idade Média, as variedades românicas que haviam se diferenciado no norte da Península Ibérica foram paulatinamente sendo levadas em direção ao sul, começando-se, assim, a delinear as fronteiras linguísticas modernas do português, do espanhol e do catalão.

Com base em obras que trataram da formação histórica das línguas românicas de forma geral, como Lausberg (1974), Elia (1979), Harris e Vincent (1990), Ilari (2018) e Bassetto (2013; 2016), bem como naquelas que se ocuparam especialmente das ibero-românicas, como Entwistle (1958), Lleal (1990), Coutinho (2011), Williams (1975), Teyssier (1985), Penny (2002) e Moll (2006), foi possível identificar diversos fatos linguísticos que caracterizam prototipicamente cada domínio.

Para exemplificar, retoma-se aqui, em parte, o esquema elaborado por Lleal (1990. p. 186-187), que permite visualizar de forma bastante direta as correspondências. No esquema adaptado abaixo, destaca-se o fato que diferencia o português do espanhol e/ou do catalão:

Quadro 1 – Correspondências nas línguas ibero-românicas

Latim	Português	Espanhol	Catalão
PL-	ʃ	ʎ	pl
KL-	ʃ	ʎ	kl
FL-	ʃ	ʎ/fl	fl
-L-	Ø	l	l
-N-	Ø	n	n
-LL-	l	ʎ	ʎ
-NN-	n	ɲ	ɲ
-K ^{e,i} -	z	θ	Ø
-KT-	ʎt	tʃ	t
-(u)LT-	ʎt	tʃ	lt
-MB-	mb	m	m
-ND-	nd	n	n
-M'N-	m	mbr	mbr

³ Uma vez que os modelos de descrição de intervenções de Cornagliotti e Piccat (1993) e de Bico (2021) se enquadram em perspectivas diferentes da adotada no presente estudo, escusa-se aqui de apresentá-los neste trabalho. Recomenda-se consulta direta a esses dois trabalhos, para uma melhor compreensão do sistema adotado em cada caso.

-AY-	e _i > e	e	e
-OW-	ou > o	o	o
-Ĕ-	ε	ie	e
F-	f	h > Ø	f
G ^{e,i} -	ʒ	Ø	ʒ
-LY-	λ	χ	λ
-Ŏ-	ɔ	ue	ɔ
L-	l	l	λ
-E	e/Ø	e/Ø	Ø > (e)
-AS	-as	-as	-es

Deve-se assinalar que se trata de correspondências gerais, já que houve diversos fatores que as desfizeram, tais como a influência latinizante, metáfora no português, dentre outros.

Além desses aspectos da fonologia histórica, podem-se exemplificar outros referentes a diferentes níveis linguísticos:

- inovação na marcação de plural: cf. port./esp. *franceses* × cat. *francesos*.
- formas compostas de pronome pessoal: cf. port. *nós/vós* × esp. *nosotros/vosotros* × cat. *nosaltres/vosaltres*;
- formas compostas de perfeito: cf. port. *amou* × esp. *amo/ha amado* × cat. *amà/ha amat/va amar*.

Esses fenômenos levam em conta a língua padrão de cada variedade, uma vez que dialetalmente se encontram características de um domínio em outro, como, p. ex., o resultado /tʃ/ no português para -LT-.

2.2. O PROCESSO DE CÓPIA

Um dos fundamentos empíricos da Crítica Textual é o fato de que no processo de cópia sempre ocorrem erros, ou seja, alteração de formas genuínas por não genuínas. Essa mudança, segundo lembra Cambraia (2005), pode ocorrer tanto de forma *involuntária* (por lapsos do copista) quanto de forma *voluntária* (por ação deliberada para modificar o texto). Nem sempre é possível diferenciar com clareza se uma alteração foi feita de forma voluntária ou involuntária, pois, em casos como os de atualização linguística, o copista pode fazer as mudanças de forma intencional ou sem perceber que está fazendo, em função da repetição de hábitos de escrita.

Blecu (1990) classifica as alterações no processo de transmissão em quatro tipos: (a) *adição*, (b) *omissão*, (c) *alteração de ordem* e (d) *substituição*. Segundo Roncaglia (1975), essas alterações podem ser classificadas também com base nas especificidades do processo de cópia, existindo assim erros: (a) de *leitura*, (b) de

memorização, (c) de *ditado interior* e (d) de *execução manual*. As categorias de Blecua são passíveis de articulação com as de Roncaglia: assim, por exemplo, uma substituição de forma genuína por não genuína pode ter sido motivada por erro de leitura, ou seja, o copista registra forma diferente do modelo por não ter interpretado corretamente a forma presente no modelo (como no caso de substituição de um *f* por um *s* longo).

3 OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma análise em diferentes perspectivas das intervenções realizadas no cód. alc. 221. Esta análise constitui uma contribuição para uma melhor compreensão da história da tradução medieval portuguesa da obra *Espelho da Cruz*, a qual, como diferentes estudos já assinalaram, envolve questões bastante complexas em termos de transmissão (MARTINS, 1956; CORNAGLIOTTI; PICCAT, 1993; CAMBRAIA; SANTOS, 2019; BICO, 2021). Trata-se de um estudo descritivo com proposta de classificação dos padrões de intervenção.

4 METODOLOGIA

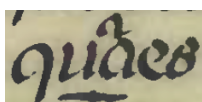
Este estudo foca as intervenções no *Espelho da Cruz* do cód. alc. 221. Entende-se aqui por *intervenção* todo registro que não seja o registro regular do texto. Portanto, são considerados intervenções os casos de *inserções* (no espaço entre palavras, na entrelinha ou na margem), *cancelamentos* (por riscado, por pontuação e/ou por raspagem), *substituições* (de letras ou de palavras) e *alterações de ordem* (processo que envolve o cancelamento de uma dada forma em um ponto do texto e sua inserção em outro ponto adiante ou atrás).

Não é possível saber sempre com certeza a autoria dessas intervenções. Por um lado, quando há inserções, pode-se paleograficamente analisar a morfologia das letras para detectar quantos punhos atuaram nesse processo. Em vista disso, é possível afirmar que as inserções são devidas a, pelo menos, dois punhos.⁴ Confirmam-se os exemplos abaixo:

Figura 1 – Inserção Figura 2 – Inserção

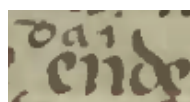
⁴ Há, nas margens do códice, ainda outros punhos: é possível reconhecer um com letra gótica de maior cursividade (cf. margem inferior do f. 139r) e um outro com letra humanista (cf. margem externa do f. 17r). Há também imagens que parecem ser de outro punho, com tinta mais escura. O número de punhos presente no códice merece um estudo paleográfico à parte.

do punho principal



(f. 85v7)

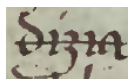
de um 2º punho



(f. 13r21)

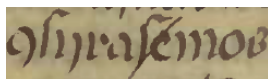
Por outro lado, quando há cancelamentos, não é possível saber a autoria, em função das características dos recursos empregados (riscado, pontuação ou raspagem). Na maioria dos casos, é possível identificar qual(is) letra(s) ou palavra(s) foram raspada(s), mas, em certos casos, não. Vejam-se alguns exemplos de cancelamento abaixo:

Figura 3 – Cancelamento por riscado horizontal



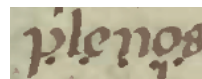
(f. 13r24)

Figura 4 – Cancelamento por riscado oblíquo



(f. 58r2)

Figura 5 – Cancelamento por pontuação inferior



(f. 21v14)

Figura 6 – Cancelamento por pontuação inferior e superior



(f. 20v26)

Figura 7 – Cancelamento por raspagem



(f. 3r15)

Também no caso de substituição por modificação na forma das letras não é possível saber com segurança seu autor. Confira-se o exemplo abaixo, em que um *o* inicial foi modificado para *e*:

Figura 8 – Modificação na forma da letra



(f. 4r11)

Justamente em função de não ser possível saber com certeza a autoria de cada intervenção, não se incluiu na classificação aqui realizada essa questão.

Fez-se uma coleta de todas as intervenções presentes no cód. alc. 221, no trecho relativo ao *Espelho da Cruz*, as quais foram classificadas com base em sua forma em:

(a) *adição*, (b) *cancelamento*, (c) *substituição* e (d) *alteração de ordem*.⁵ Classificou-se como substituição quando houve (i) cancelamento e adição referente à mesma passagem do texto ou (ii) modificação na forma da letra. Quando uma mesma palavra foi objeto de mais de uma intervenção, computou-se cada intervenção separadamente. Os dados foram coletados com base na edição paleográfica preparada por Santos (2019).⁶ Sempre que conveniente, fez-se nova checagem no fac-símile do manuscrito. Como exemplos dessas categorias, vejam-se os dados abaixo:

Quadro 2 – Exemplos de intervenção por forma no alc. 221⁷

Adição	<i>car<<r>>eira</i> (f. 114r20)
Cancelamento	<i>fez{o}</i> (f. 68r12)
Substituição	<i>c{o}<<u>>lpa</i> (f. 27v4) / <i>contento > contente</i> (f. 25r13) ⁸
Alteração de ordem	<i>{se} soe <{se}></i> (f. 20v6)

Em seguida, analisou-se a relação entre a forma final (com integração da intervenção) no cód. alc. 221 e a forma final correspondente no cód. alc. 89, seu provável modelo, sendo a relação classificada como: (a) *reprodução* (quando a forma final do alc. 221 é igual à do alc. 89, através da realização das mesmas intervenções em ambos os testemunhos); (b) *reversão* (quando a forma final do alc. 221 é igual à do alc. 89, através da realização das intervenções diferentes em um ou em ambos os testemunhos) e (c) *inovação* (quando a forma final do alc. 221 é diferente da forma final do alc. 89). Para exemplos dessas categorias, confirmam-se os dados abaixo:

Quadro 3 – Exemplos de intervenção por relação

	Alc. 89	Alc. 221
Reprodução	<i>te{l}ar</i> (f. 131r2)	<i>te{l}ar</i> (f. 101r26)
Reversão	<i>meesmo</i> (f. 15v7)	<i>mees{s}mo</i> (f. 13r5)
Inovação	<i>mãjara</i> (f. 128v19)	<i>mãjar{a}</i> (f. 99v8)

Por fim, analisaram-se os dados em termos das motivações para as divergências entre as formas presentes nos cód. alcs. 89 e 221. No caso de reversão, considerou-se a

⁵ Estas categorias são semelhantes às da classificação de Blecua (1990), mas considera-se aqui mais adequado o termo *cancelamento* para os casos de supressão, como são os casos de intervenção em análise, porque deixa claro que se trata de ação intencional, fato que o termo *omissão* não evidencia.

⁶ Adotou-se aqui a nomenclatura de *edição paleográfica* preconizada por Cambraia (2005, p. 95-96), que se caracteriza por um grau médio de mediação do editor, com modificações que aumentam a acessibilidade do texto, tais como o desenvolvimento de abreviaturas.

⁷ Na apresentação dos dados, mantêm-se os sinais de marcação empregados na edição de Santos (2019): parênteses angulados duplos para adição na entrelinha ou no espaço entre palavras; parêntese angulado com chave para adição na entrelinha; chaves duplas para cancelamento; e asterisco para caracteres não identificados.

⁸ Nos casos de substituição por modificação, apresenta-se aqui a forma antes da modificação e depois da modificação (não há nos testemunhos a repetição da palavra).

divergência entre a forma *final* do alc. 89 e a forma *inicial* do alc. 221 (já que a forma final deste é, no caso em questão, igual à daquele). No caso de inovação, considerou-se a divergência entre a forma *final* do alc. 89 e a forma *final* do alc. 221. Já no caso de reprodução, como as formas iniciais e finais de ambos os testemunhos são iguais, considerou-se então a divergência entre a forma *inicial de ambos* e a forma *final de ambos*. As categorias que se revelaram como pertinentes no curso da análise foram as seguintes: (a) *ajuste à mancha* (quando a divergência se deve a elemento adicionado na entrelinha no final de linha); (b) *erro de cópia* (quando a divergência se deve a formas incompletas no interior de linha ou a repetições e antecipações); (c) *grafismo* (quando a divergência se deve a diferentes formas de representar fones); (d) *recomposição* (quando a divergência se deve a diferenças que têm impacto sobre o sentido do texto); (e) *ancianização* (quando a divergência se deve a uma forma mais conservadora no alc. 221); (f) *modernização* (quando a divergência se deve a uma forma mais inovadora no alc. 221); (g) *vernacularização* (quando a divergência se deve a uma forma diferente mas sem mudança de sentido no alc. 221); (h) *lusitanização* (quando a divergência se deve a uma forma portuguesa no alc. 221 frente a uma estrangeira no alc. 89); (i) *xenização* (quando a divergência se deve a uma forma estrangeira no alc. 221 frente a uma portuguesa no alc. 89); (j) *não detectada* (quando a divergência se deve a motivação não detectada em função de sua singularidade); e (k) *não inferível* (quando a divergência não pode ser avaliada em função de impossibilidade de recuperação da forma inicial em qualquer um dos testemunhos). A seguir, apresentam-se exemplos de cada categoria para reversão e inovação (como há poucos casos de reprodução, optou-se por não os exemplificar aqui):

Quadro 4 – Exemplos de motivação da divergência no alc. 221

	Reversão	Inovação
a) Ajuste à mancha	<i>aparellada</i> (alc. 89, f. 19v4) × <i>aparellad</i> <<a>> (alc. 221, f. 16r2)	—
b) Erro de cópia	<i>glorioso</i> (alc. 89, f. 10r26) × <i>glorio</i> { <i>rio</i> } <i>so</i> (alc. 221, f. 8v4)	—
c) Grafismo	<i>segũdo</i> (alc. 89, f. 38r6) × <i>segundo</i> { <i>o</i> } (alc. 221, f. 29v19)	<i>mujtos</i> (alc. 89, f. 13v16) × <i>mujto</i> <<o>> <i>s</i> (alc. 221, f. 11v2)
d) Recomposição	<i>cõssijramos</i> (alc. 89, f. 77r11) × <i>consijra</i> { <i>se</i> } <i>mos</i> (alc. 221, f. 58r2)	<i>arra</i> (alc. 89, f. 32r17) × { <i>arra</i> } (alc. 221, f. 25r20)
e) Ancianização	<i>Suya</i> > <i>Suba</i> (alc. 89, f. 36r3) × <i>Su</i> { <i>y</i> } <i>ba</i> (alc. 221, f. 28r10)	<i>pertêçee</i> (alc. 89, f. 25v20) × <i>perte</i> <<e>> <i>ce</i> (alc. 221, f. 20v8)
f) Modernização	<i>maa</i> (alc. 89, f. 121v15) × <i>ma</i> <<a>> (alc. 221, f. 93v12)	<i>homẽẽ</i> (alc. 89, f. 120r1) × <i>homẽ</i> { <i>ẽ</i> } (alc. 221, f. 92r10)
g) Vernacularização	<i>demonstra</i> (alc. 89, f. 6v10) × <<de>> <i>mostra</i> (alc. 221, f. 5r33)	<i>clauos</i> (alc. 89, f. 14r12) × <i>pregos</i> (alc. 221, f. 11v28)
h) Lusitanização	<i>reputarl</i> { <i>h</i> } <i>os</i> (alc. 89, f. 146r3) ×	<i>qualqueyra</i> (alc. 89, f. 4r24) ×

	<i>reputa</i> <{r}>{l}os (alc. 221, f. 113v28) ⁹	<i>qualque</i> {y}{r}{a} (alc. 221, f. 3r15)
i) Xenização	<i>terçeira</i> (alc. 89, f. 6r15) × <i>terce</i> <<i>>{r}a (alc. 221, f. 5r4)	<i>vêceu</i> (alc. 89, f. 91r2) × <i>vencê</i> {u} (alc. 221, f. 66v27) ¹⁰
j) Não detectada	—	<i>judeus</i> (alc. 89, f. 80r17) × <i>jud</i> {e}{us} (alc. 221, f. 60v9)
k) Não inferível	<i>conoixêçaa</i> > <i>conhoçêçaa</i> ¹¹ (alc. 89, f. 122v4) × <i>conhoçêç</i> {*} (alc. 221, f. 94r25)	<i>accidentes</i> (alc. 89, f. 144v20) × <i>acciden</i> {**}{tes} (alc. 221, f. 112v25)

5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 FORMA DE INTERVENÇÃO

Com base no método de coleta de dados anteriormente descrito, foi possível identificar 792 intervenções no texto do *Espelho da Cruz* presente no cód. alc. 221. A distribuição em termos de forma de intervenção é a seguinte:

Tabela 1 — Intervenções por forma no alc. 221

	n	%
Adição	360	45,5
Cancelamento	221	27,9
Substituição	209	26,4
Alteração de ordem	2	0,3
Total	792	100

Como se vê, a forma de intervenção mais frequente é a de adição, seguida por cancelamento e por substituição, ambas com valores próximos, ficando a alteração de ordem como a menos comum.

Os casos de alteração de ordem se restringem a dois dados, ambos com intervenção mudando a posição de um item lexical para adiante. No primeiro caso, essa intervenção criou uma inovação em relação ao alc. 89: cf. *se soe* (alc. 89, f. 25v19) × {se} soe <{se}> (alc. 221, f. 20v6), com cancelamento da primeira forma e adição da última na margem. Essa alteração de ordem parece ser um caso de modernização, já que, a partir do final da Idade Média, a língua portuguesa tendeu de proclítica a enclítica em orações em *que o verbo era precedido de constituinte diferente de sujeito* (SALVI,

⁹ A questão relevante neste par de dados está na adição do *r* no infinitivo no alc. 221, forma ausente no português em função de assimilação com o objeto direto subsequente. No alc. 221, a forma inicial apresentava lusitanização com a ausência do *r*, mas houve intervenção adicionando-o de volta.

¹⁰ Cf. *vençé* na tradução catalã (CAVALCA, 1967, v. II, p. 6, l. 15).

¹¹ A forma inicial do alc. 89 foi objeto de adição do *h* na entrelinha, cancelamento do *i* e modificação do *x* em ç.

1990, p. 200, tabela II),¹² como é o caso da oração em que ocorre o referido dado.¹³ No segundo caso, a intervenção por alteração de ordem reverteu para a ordem do alc. 89: cf. *reuerêcia sta* (alc. 89, f. 172v25) × *{esta}* *reuerêcia* <<*esta*>> (alc. 221, f. 138v24), com cancelamento da primeira forma e adição da última na entrelinha. Nesse caso, parece ter havido um erro de interpretação da forma verbal *sta* como se fosse demonstrativo, o que teria motivado a divergência com anteposição, inovação revertida com intervenção no alc. 221.

5.2 RELAÇÃO ENTRE FORMAS FINAIS

No que se refere à relação entre a forma final no cód. alc. 221 e a forma final correspondente no cód. alc. 89, os resultados foram:

Tabela 2 — Relação entre as formas finais em casos com intervenção

	n	%
Reprodução	16	2,0
Reversão	395	49,9
Inovação	381	48,1
Total	792	100

Pode-se perceber que a distribuição dos dados é praticamente equivalente entre reversão e inovação, sendo, porém, raros os casos de reprodução.

Os casos de reprodução, apesar de poucos, são interessantes, porque sugerem uma hipótese de uma relação mais complexa entre os alcs. 89 e 221 do que simples cópia: é possível que, depois de o copista do alc. 221 ter lavrado sua cópia, ele (ou um revisor) tenha feito intervenções não apenas no alc. 221 como no próprio modelo, ou seja, no alc. 89.

5.3 MOTIVAÇÃO DA DIVERGÊNCIA

Quanto às motivações da divergência entre formas dos alcs. 89 e 221, envolvidas em intervenções neste último, convém salientar novamente a diferença entre dados de reversão e inovação: nos casos de *reversão*, a divergência está no fato de a forma *final*

¹² Convém salientar que, em orações em que *o verbo era precedido imediatamente pelo sujeito*, o comportamento foi diferente: predomínio de ênclise na Idade Média, predomínio de próclise nos sécs. XVI a XVIII e, por fim, novamente predomínio de próclise no séc. XIX (SALVI, 1990, p. 199, tabela I).

¹³ “Daquestes taees *que* hã o coracõ assy alto *{se}* *soe* <*se*> de dizer *que* hã amorte en desejo he auida enpaciêcia” (alc. 221, f. 20v5-8). Nesse trecho, o verbo *soe* é precedido por sintagma preposicional com função de objeto indireto do verbo *dizer*.

do alc. 89 ser diferente da forma *inicial* do alc. 221 (sendo as formas finais iguais em ambos), mas, nos casos de *inovação*, a divergência consiste no fato de a forma *final* do alc. 89 ser diferente da forma *final* do alc. 221 (sendo as formas iniciais iguais em ambos). Enquanto, no caso de *reversão*, a intervenção *suprime divergência*, já no caso da *inovação*, a intervenção *gera divergência*. No caso de *reprodução*, as formas *iniciais e finais* são *iguais* em ambos os testemunhos. A distribuição dos dados em relação a essa questão é a que se segue:

Tabela 3 — Motivação da divergência

	Reprodução		Reversão		Inovação		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Ajuste à mancha	0	0,0	83	21,0	0	0,0	83	10,5
Erro de cópia	0	0,0	166	42,0	0	0,0	166	21,0
Grafismo	2	12,5	64	16,2	16	4,2	82	10,4
Recomposição	2	12,5	14	3,5	88	23,1	104	13,1
Ancianização	0	0,0	1	0,3	3	0,8	4	0,5
Modernização	0	0,0	18	4,6	10	2,6	28	3,5
Vernacularização	1	6,3	5	1,3	20	5,2	26	3,3
Lusitanização	10	62,5	1	0,3	108	28,3	119	15,0
Xenização	1	6,3	28	7,1	9	2,4	38	4,8
Não detectada	0	0,0	0	0,0	8	2,1	8	1,0
Não inferível	0	0,0	15	3,8	119	31,2	134	16,9
Total	16	100	395	100	381	100	792	100

Convém considerar inicialmente as duas últimas categorias, sobre as quais pouco pode-se dizer.

Em 134 dados, não foi possível inferir com segurança qual teria sido a motivação para a existência de divergência, uma vez que não se pode identificar a forma inicial no alc. 89 (em 1 caso) ou no alc. 221 (em 133 casos). Na grande maioria dos dados, no entanto, tem-se uma forma estrangeira no alc. 89, o que faz pensar que também no alc. 221 constasse uma forma igualmente estrangeira, fato que teria levado à realização de intervenções no alc. 221, com a finalidade de lusitanização de formas linguísticas. Assim, por exemplo, têm-se *pues* (f. 3v18), uma forma espanhola, e *sêês* (f. 156v3), uma forma catalã, no alc. 89, correspondendo respectivamente às formas finais *pojs* (f. 2v12) e *sê* (f. 123r27) no alc. 221. Como não é possível saber quais eram os dois caracteres que tinham sido escritos inicialmente no lugar de *oj* no primeiro caso (há modificação de dois caracteres) e após *sê* no segundo caso (há cancelamento de dois caracteres), não se pode afirmar com segurança que a divergência era pela presença de

forma espanhola no primeiro caso e catalã no segundo caso no alc. 221. Por isso, preferiu-se categorizar esses dados como de motivação não inferível.

Em 8 casos, todos de inovação, não foi possível detectar a motivação para a divergência. Assim, por exemplo, a forma *engan{h}ador* no alc. 89 (f. 85r18) corresponde a *enganad{o}r* no alc. 221 (f. 63r15). Se, por um lado, o cancelamento do *h* na forma do alc. 89 pode ser considerado um caso de lusitanização (cf. esp. *engañar*/cat. *enganyar*), não se pode identificar uma motivação para o cancelamento do *o* na forma do alc. 221.

A grande maioria das divergências, no entanto, se refere às outras nove categorias.

Em 83 dados, todos de reversão, tem-se um ou dois caracteres sobrescritos em posição de final de linha. Considera-se que a motivação para essa divergência tenha sido um *ajuste à mancha*, ou seja, o copista teria optado por colocar o caractere na entrelinha para não ultrapassar o limite da mancha e não deixar apenas um caractere solto no início da linha seguinte (na maioria dos casos, uma consoante). Esses casos foram considerados como intervenção pelo fato de os caracteres não estarem na posição regular da linha, mas é bem provável que tenham sido registrados de forma sobrescrita no próprio curso regular da cópia do alc. 221, e não em um momento posterior de revisão. A esses dados, no entanto, podem-se aventar outras motivações. Primeiramente, pode-se tratar de erro de cópia por omissão, uma vez que, mesmo no interior de linha, se constata caso de caractere final sobrescrito: cf., p. ex., *amo<<r>>* (alc. 221, f. 6v6) e *buraco<<s>>* (alc. 221, f. 89v2). Em segundo lugar, como há catalanismos na tradução portuguesa do *Espelho da Cruz* (CAMBRAIA; SANTOS, 2019), a forma divergente nesses 83 casos pode ser interferência do catalão: essa explicação é aplicável a todos os casos em que a forma inicial do alc. 221 apresenta ausência de *e* e *o* finais (respectivamente, 9 e 19 casos), fatos compatíveis com os fenômenos de apócope na história do catalão (cf. Quadro 1 anteriormente apresentado). Já no caso de ausência de *r* final na forma inicial do alc. 221 (29 casos), trata-se de fenômeno que pode ser atribuído tanto ao catalão, que já apresentava esse processo desde o séc. XII (DUARTE I MONTSERRAT; ALSINA I KEITH, 1984, v. 1, p. 211), quanto mesmo ao português, no qual já haveria registro desse tipo de apócope pelos menos desde o séc. XVI (TEYSSIER, 1959, p. 243). A interpretação de motivação por interferência linguística encontra, no entanto, certas limitações, já que há casos de ausência de caracteres que

representam fones que não passaram por apócope na história do catalão ou do português como *a* ou *z*: cf. *devi*<<*a*>> (alc. 221, f. 4r10) e *di*<<*z*>> (alc. 221, f. 11v16).

Em 166 casos, todos de reversão, tem-se como motivação para a divergência *erro de cópia*. Esta categoria, que é a mais frequente para reversão, é problemática, porque, na verdade, poderia ser aplicada a quase todos os dados deste estudo. Nos casos em que as intervenções no alc. 221 revertem sua forma inicial para a presente no alc. 89, a justificativa para se dizer que a divergência é erro é justamente haver a diferença entre esses testemunhos: o copista do alc. 221 teria falhado na reprodução da forma do modelo em cada caso e a reversão seria prova disso. Nos casos de inovação, haveria também erro, seja no sentido de ter havido lapso não retificado no processo de cópia (ainda assim, uma inovação), seja no sentido de o copista deliberadamente ter optado por não registrar a forma do modelo, afastando-se assim da forma original da tradução portuguesa. Na presente análise, a categoria de erro de cópia foi interpretada em um sentido mais restrito: considerou-se apenas aqueles casos em que a forma divergente consiste em forma que seja dificilmente explicável em termos de fenômenos linguísticos em curso nas línguas românicas da época do testemunho. São casos que, de forma geral, são explicáveis por lapsos típicos do processo de cópia, como erro de leitura do modelo ou de execução manual. Assim, por exemplo, um caso como *vituperios* (alc. 89, f. 153r3) × *v*<<*i*>>*tuperios* (alc. 221, f. 120r18) foi classificado com erro de cópia por omissão do *i* no alc. 221, porque a sequência *vt* (resultante a ausência do *i*) não é compatível com a fonotática das línguas românicas (e muito menos da língua portuguesa do final da Idade Média): a intervenção no alc. 221, com adição do *i* na entrelinha, foi justamente para corrigir esse erro.

Em 82 dados, verifica-se como motivação o grafismo, ou seja, adaptações gráficas, sem aparente repercussão fônica, dentro de um contexto em que não havia ainda normatização gráfica. Essas adaptações referem-se a aspectos diversos, como representação de vogal tônica (*quaaes*, alc. 89, f. 74r15 × *qu*<<*a*>>*aes*, alc. 221, f. 56r6), consoante velar (*stomagu*, alc. 89, f. 40v16 × *stomag*<<*u*>>*o*, alc. 22, f. 32r4), verbo *haver* (*hauer*, alc. 89, f. 51v19 × <<*h*>>*auer*, alc. 221, f. 41r19), vibrante (*honrra*, alc. 89, f. 75v10 × *hon*<<*r*>>*ra*, alc. 221, f. 57r3), dentre outros. Essa motivação atuou não apenas nos casos de reversão (como os exemplificados antes), mas também nos de inovação (cf. *digo*, alc. 89, f. 145v21 × *dig*<<*u*>>*o*, alc. 221, f. 110r28) e de reprodução (cf. *uêda*{*a*}, alc. 89, f. 12r18 e *uêda*{*a*}, alc. 221, f. 10r8).

Em 104 dados, tem-se a recomposição, ou seja, a divergência representa uma mudança na composição do texto, afetando aspectos morfológicos, sintáticos ou lexicais, com impacto no sentido do texto. Como exemplos, podem-se citar casos de rejeição de forma superlativa (*vjlissima*, alc. 89, f. 13v8 × *vjl*{*issjma*}, alc. 221, f. 11r24), de adjetivo (*magnanijmus*, alc. 89, f. 25v22 × {*magnanijmo*} <<largo>>, alc. 221, f. 20v9), dentre outras formas, bem como adição de um ou mais itens lexicais sem correspondente no alc. 89 (Ø, alc. 89, f. 19v20 × *coraçã*, alc. 221, f. 16r18). A recomposição, embora seja mais comum nos casos de inovação, ocorre também em reversão (*penssasemos*, alc. 89, f. 117r18 × *pensa*<<se>>*mos*, alc. 221, f. 89v5) e em reprodução (<<as>> *tribullaçooes*, alc. 89, f. 35r14 × <<as>> *tribullacoõês*, alc. 221, f. 27v3).

Um tipo bastante raro e curioso de motivação de divergência é a ancianização, ou seja, divergência pela existência de forma mais antiga no alc. 221. Os quatro únicos casos são: *tenebrousa* <<treuosa>>¹⁴, alc. 89, f. 25v15 × *tre*<<e>>*uosa*, alc. 221, f. 20v2; *noze* <<danaa>>¹⁵ <<ẽpece>>, alc. 89, f. 7r20 × *ẽpe*<<e>>*ce*, alc. 221, f. 6r5; *pertẽcee*, alc. 89, f. 25v20 × *perte*<<e>>*ce*, alc. 221, f. 20v8; *Su*{*ya*}<<ba>>, alc. 89, f. 36r3 × *Su*{*y*}<<ba>>, alc. 221, f. 28r10). Nos três primeiros casos, todos de inovação na forma final do alc. 221, tem-se que a divergência na forma final do alc. 221 é resultante de intervenção representando hiato de vogais de mesmo timbre (estado mais antigo da língua) frente aos dados do alc. 89 já com crase (estado mais moderno). No último caso, de reversão, a forma inicial do alc. 221, *Suyba* (< lat. SUBEAT), consiste em forma mais antiga do que a forma final do alc. 89, *Suba*, já sem a semivogal representada por *y*, tendo a forma do alc. 221 sido alterada com cancelamento do *y* para adequar-se à forma mais moderna do alc. 89. Esses quatro casos são curiosos porque se sabe que a tendência dos copistas era geralmente de atualizar a língua para estados mais modernos, e não o contrário.

Em 28 casos, tem-se a questão da modernização, que, como dito logo antes, é o comum no processo de transmissão de textos. Ocorre tanto em casos em que houve reversão (*meesmo*, alc. 89, f. 34v3 × *me*<<e>>*smo*, alc. 221, f. 26v30) quanto nos de inovação (*homẽẽ*, alc. 89, f. 120r1 × *homẽ*{*ẽ*}, alc. 221, f. 92r10).

Os 26 casos de vernacularização dizem respeito a divergências que parecem ser adaptações ao dialeto do copista, uma vez que se trata de variantes existentes na língua

¹⁴ Neste dado, não houve cancelamento da forma inicial no alc. 89.

¹⁵ A forma *danaa* foi cancelada com risco.

portuguesa da época, como *demonstra* (alc. 89, f. 6v10) × <<de>>*mostra* (alc. 221, f. 5r33). É possível, porém, que alguns casos sejam, na verdade, casos de modernização: cf., p. ex., *clauos* (alc. 89, f. 14r12) × *pregos* (alc. 221, f. 11v28).

São também casos curiosos os 38 que consistem em xenização,¹⁶ ou seja, divergência entre uma forma inicial portuguesa e uma forma final estrangeira. Ocorrem em casos de reversão (*enganhador*, alc. 89, f. 64r4 × *engan<<h>>ador*, alc. 221, f. 49v3), inovação (*e*, alc. 89, f. 26v13 × *et*, alc. 221, f. 21r11) e reprodução (*malliç<<i>>a*{*a*}, alc. 89, f. 130r14 × *maliç<<i>>a*, alc. 221, f. 100v18).¹⁷ Embora estes dois últimos exemplos se refiram à questão da latinização, tão comum em textos medievais, o primeiro exemplo tem como idiossincrasia a conversão de uma forma portuguesa em hispano-catalã. Essa divergência no alc. 221 com estrangeirismos em relação ao alc. 89, seu provável modelo, revela que não apenas o tradutor para o português seria poliglota ou bilíngue (CAMBRAIA; SANTOS, 2019, p. 52), mais provavelmente bilíngue (CAMBRAIA; SANTOS, 2021, p. 21), mas também os agentes envolvidos no processo de produção do cód. 221. O fato de muitas formas estrangeiras sequer terem sido objeto de intervenções no alc. 221 sugere que estas não lhe fossem estranhas, provavelmente por serem compatíveis com sua língua materna.

Por fim, convém tratar da questão da motivação das divergências com base na lusitanização. São 119 casos, sendo a segunda motivação mais frequente relacionada às intervenções no cód. alc. 221, ficando atrás apenas dos erros de cópia: enquanto estes são os mais comuns no caso de reversão (42%), a lusitanização é a mais comum no caso de inovação (28,3%). O tema do multilinguismo consiste em uma das questões mais centrais em relação à tradução portuguesa do *Espelho da Cruz*, bem como uma das mais complexas. Por isso, será feita uma discussão mais pormenorizada de casos específicos.

a) Lusitanização a partir do espanhol

Como exemplo de inovação, pode-se citar inicialmente a questão da desinência verbal de pretérito perfeito, para a qual têm-se os casos de *comêdo* (alc. 89, f. 3v7) × *comendo<<u>>* (alc. 221, f. 2r35). Sem o *u*, tem-se a conjugação de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do espanhol: *comendo* (atualmente grafados com acento agudo na vogal final); com o *u*, tem-se a forma de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do português. Já em *mis* (alc. 89, f. 18v12) × *mjh<<nas>>* (alc. 221, f.

¹⁶ Casos de latinização foram considerados como pertencentes à categoria de xenização.

¹⁷ Este dado foi considerado como caso de reprodução levando em conta especificamente a questão da adição do *i*.

15r28), o *h*, neste último, foi modificado de um *s*, deixando-se entrever o pronome espanhol *mis* e o *nas* foi acrescido na entrelinha, para que o item se assemelhasse à forma portuguesa *minhas*. No caso de *soy* (alc. 89, f. 24v6) × *sou* (alc. 221, f. 19v10), houve a modificação de um *y* para *u* neste último, o que revela a forma *soy* antes da intervenção (como no alc. 89), forma de primeira pessoa do verbo *ser* no espanhol.

Como exemplos de reprodução, podem-se citar o caso de *adoctrino*<<*u*>> (alc. 89, f. 3v24; alc. 221, f. 2v18), que se refere à questão da desinência de perfeito do espanhol já comentada acima, e também o caso de *sõ*{*y*} (alc. 89, f. 23r20; alc. 22, f. 18v17), referente à questão da forma de primeira pessoa do verbo *ser* no espanhol, igualmente já mencionada.

b) Lusitanização a partir do catalão

Para exemplificar casos de inovação, pode-se mencionar, em primeiro lugar, o caso de *enbeudado* (alc. 89, f. 23r18) × *en beu*<<*e*>>*dato* (alc. 221, f. 18v15). No catalão, o verbo em questão tem a forma *abeurar* e não consta nele o *e* inserido na entrelinha do alc. 221, processo que constitui uma lusitanização. Outro exemplo está relacionado a *sẽs* (alc. 89, f. 154r6) × *se*{*ẽs*} (alc. 221, f. 121r14), em que a forma inicial do alc. 221 se assemelha à forma catalã medieval *sens*, tendo passado por cancelamento para se aproximar da correspondente portuguesa *sem*. Também ilustram a questão *ffins* (alc. 89, f. 14v5) × {*ffins*} (alc. 221, f. 12r18), semelhantes ao cat. *fins*, caso em que intervenção no alc. 221 exigiu a adaptação da forma subsequente *aa* (preposição *a* + artigo *a*) em *a*<<*t*>>*a* (preposição *ata*) para manutenção do sentido.

c) Lusitanização a partir do espanhol ou do catalão

Em certos casos, em função da evolução convergente do espanhol e catalão (cf. Quadro 1 anteriormente apresentado), não é possível determinar se a lusitanização recaiu sobre um fato referente ao espanhol ou ao catalão.

Como casos de inovação, pode-se citar a questão do *n* em *ponendo* (alc. 89, f. 3v31) × *po*{*n*}*ẽdo* (alc. 221, f. 2v25) e em *alguna* (alc. 89, f. 42r9) × *algu*{*n*}*a* (alc. 221, f. 33r23). No primeiro item, o *n* já tinha sido objeto de síncope antes do séc. XIII no português, passando do lat. PŌNENDO ao port. med. *põendo*, origem do moderno *pondo*. No espanhol e no catalão, houve a conservação do *n* intervocálico (cf. esp. *poniendo* e cat. *ponent*). Essa manutenção do *n* se verifica também no esp./cat. *alguna*, do lat. *ALĪCŪNA (ALĪQUIS + ŪNA). No caso de *gaujllães* (alc. 89, f. 63r8) × *gauj*{*ll*}*ães* (alc. 221, f. 48v27), vê-se a questão do *l* intervocálico, que, no curso da história do português, sofre síncope, enquanto, no espanhol (cf. *gavilán*) e no catalão

(cf. *gavilà*), ele se mantém: o copista do alc. 221 cancelou o *ll* para aproximar da forma portuguesa (cf. port. mod. *gavião*). Na ocorrência *ensenhar* > *ensynhar*¹⁸ (alc. 89, f. 6r7) × *ensynhar* (alc. 221, f. 4v29), o *h* foi cancelado para adaptar a forma ao português, que contém nasal alveolar, por oposição ao espanhol e ao catalão, que apresentam nasal palatal (cf. esp. *enseñar* e cat. *ensenyar*). Caso muito recorrente foi o de modificação da forma verbal *es*, compatível com o esp. *es* e o cat. *és*, para a portuguesa *é* (aqui em grafia moderna): cf., p. ex., *es* (alc. 89, f. 3v3) × *e*{*s*} (alc. 221, f. 2r30). Há também casos relevantes como *scriueste* (alc. 89, f. 16v24) × *escreueste* (alc. 221, f. 14r8) e *doutrj* (alc. 89, f. 20v20) × *doutrẽ* (alc. 221, f. 17r2): na primeira palavra, o *e* da sílaba *cre* no alc. 221 foi modificado de um *i*, revelando forma prévia compatível com espanhol (cf. *escribir*) e o catalão (cf. *escriure*); na segunda, houve também a mudança de *i* para *e* (com marca de nasalização), com forma prévia semelhante ao correspondente espanhol (cf. *otri*) e catalão (cf. *altri*).

Caso de reversão há apenas um: *reputarl*{*h*}*os* (alc. 89, f. 146r3) × *reputa*<*r*>*los* (alc. 221, f. 113v28). Como já comentado (cf. nota do Quadro 4), a forma final do alc. 89 (*reputarlos*) diverge da inicial do alc. 221 (*reputalos*) pela ausência do *r*, que, como marca de infinitivo seguida de pronome oblíquo de 3ª pessoa, sofre assimilação e desaparece, diferentemente do espanhol e do catalão, em que o *r* se mantém. Logo, houve uma lusitanização da forma do alc. 89 para forma do alc. 221, mas o copista deste reverteu essa lusitanização com a adição do *r* de volta.

Como exemplo do caso de reprodução, há *te*{*l*}*ar* (alc. 89, f. 131r2; alc. 221, f. 101r26) em que em ambos os testemunhos se constata, como forma de lusitanização, o mesmo cancelamento de *l* intervocálico, presente nas formas correspondentes do espanhol (cf. *telar*) e do catalão (cf. *teler*).

d) Lusitanização a partir de forma de origem controversa

Em alguns poucos casos, as intervenções no alc. 221 envolvem formas cuja divergência em relação ao alc. 89 não pode ser claramente associada ao espanhol ou ao catalão. Um caso muito frequente diz respeito às intervenções sobre a sequência *ou*: cf., p. ex., *oubra* (alc. 89, f. 4r6) × *o*{*u*}*bra* (alc. 221, f. 2v30); *toudo* (alc. 89, f. 3v28) × *to*{*u*}*do* (alc. 221, f. 2v22); *Amour* (alc. 89, f. 5v7) × *Amo*{*u*}*r* (alc. 221, f. 4r30); *pour* (alc. 89, f. 21v4) × *po*{*u*}*r* (alc. 221, f. 17v2). Em todos esses casos, chama a atenção a semelhança das formas iniciais com as equivalentes no francês (cf. *oeuvre*,

¹⁸ O segundo *e* foi modificado para *y*.

tout, amour, pour). Uma interpretação alternativa seria de tratar-se de *supressão de hipercorreção*: como o espanhol e o catalão se opõem ao português pela manutenção do ditongo *ou* (< lat. AU, como em CAUSA-, AURU-) neste, mas sua progressão para monotongo naqueles, a forma inicial dos itens listados teria sido escrita com *hipercorreção* (onde havia o tônico, escreveu-se *ou*, por se considerar que fosse caso de oposição entre forma com ditongo no português). No processo de cópia, o copista do alc. 221 teria suprimido essa hipercorreção para tornar a forma efetivamente portuguesa.

A hipótese de haver casos de hipercorreção é mais evidente quando se considera dados como *podeu* (alc. 89, f. 128v20) × *pode*{*u*} (alc. 221, f. 99v9), em que houve a formação de uma forma analógica de passado (*podeu*) sem nenhuma relação com a correspondente do espanhol (cf. perf. simples *pudo*) ou do catalão (cf. perf. simples *poc* ou *pogué*). De qualquer maneira, o copista do alc. 221 lusitanizou a forma inicial com o cancelamento do *u*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, realizou-se uma análise em diferentes perspectivas das intervenções realizadas no cód. alc. 221. Foram identificadas 792 intervenções, distribuídas em quatro tipos quanto à forma (adição, cancelamento, substituição e alteração de ordem), sendo mais frequente a adição, seguida por cancelamento e substituição com valores próximos, e sendo a alteração de ordem a menos comum. Quanto à relação entre as formas finais em casos de intervenção no alc. 221, verificaram-se três tipos (reprodução, reversão e inovação), apresentando reversão e inovação valores próximos e sendo mais raros os casos de reprodução. Por fim, quanto à questão da motivação da divergência entre as formas dos alcs. 89 e 221, constataram-se nove categorias relevantes (ajuste à mancha, erro de cópia, grafismo, recomposição, ancianização, modernização, vernacularização, lusitanização e xenização), sendo os tipos mais comuns erro de cópia (especialmente nos casos de reversão) e lusitanização (especialmente nos casos de inovação).

Considerando que a questão do multilinguismo se mostrou bastante recorrente nos casos de intervenção no alc. 221, percebe-se, assim, que se trata de tema que exige maior aprofundamento no futuro, retomando-se a discussão sobre o perfil linguístico não apenas do tradutor mas também dos agentes que participaram do processo de constituição dos dois testemunhos supérstites da tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*. Conjugada a isso, está a questão da identificação dos diferentes

punhos responsáveis pelo registro dos códices mencionados, aspecto que deve ser interpretado em termos da tipologia das intervenções, a fim de verificar se cada punho realizou tipos específicos de intervenção.

REFERÊNCIAS

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas românicas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2013. v. 1.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história interna das línguas românicas. São Paulo: Edusp, 2016. v. 2.

BICO, M. I. M. **Espelho da Cruz**: tradição, transmissão e tradução. 2021. Dissertação (Mestrado em Crítica Textual) — Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2021. 3 v. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/48933>. Acesso em: 17 out. 2021.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madrid: Castalia, 1983. [Reimpr.: 1990].

CAMBRAIA, C. N.; SANTOS, M. A. Interferências linguísticas na tradução medieval portuguesa do Espelho da Cruz de Domenico Cavalca: desvendando o perfil linguístico do tradutor. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/article/view/48871>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CAMBRAIA, C. N.; SANTOS, M. A. O multilinguismo na tradução medieval portuguesa do Espelho da Cruz: a presença do catalão. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 57, p. 36-58, 2019. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/download/319/217>. Acesso em: 17 out. 2021.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAVALCA, D. **Mirall de la creu**: versió catalana del segle XV, per Pere Busquets. A cura d'Annamaria Gallina. Barcelona: Barcino, 1967. 2 v.

CORNAGLIOTTI, Anna; PICCAT Marco. Interferenze linguistiche in un manoscritto di area iberica. **La filologia romanza e i codici**: atti del Convegno, Fortunata Latella. Messina: Sicania, 1993. v. 2, p. 333-355.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

DUARTE I MONTSERRAT, Carles; ALSINA I KEITH, Àlex. **Gramàtica històrica del català**. Barcelona: Curial, 1984-1986. 3. v.

ELIA, Silvio. **Preparação à linguística românica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ENTWISTLE, Williams James. **The Spanish Language, together with Portuguese, Catalan and Basque**. London: Faber & Faber Limited, 1958.

HARRIS, Martin; VINCENT, Nigel. **The romance languages**. New York: Oxford University Press, 1990.

- ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- LLEAL, Coloma. **La formación de las lenguas romances peninsulares**. Barcelona: Barcanova, 1990.
- MARTINS, M. O “Espelho da Cruz” de Frei Domingo Cavalca. *In*: MARTINS, M. **Estudos de literatura medieval**. Braga: Cruz, 1956. p. 157-158.
- MOLL, Francesc de Borja. **Gramàtica històrica catalana**. València: Publicacions de la Universitat de València, 2006.
- PENNY, Ralph. **Gramática histórica del español**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1998.
- RONCAGLIA, Aurelio. **Principi e applicazioni di critica testuale**. Roma: Bulzoni, 1975.
- SALVI, Giampaolo. La sopravvivenza dela legge di Wackernagel nei dialletti occidentali dela penisola iberica. **Medioevo Romano**, Roma, v. 15, n. 2, p. 177-210, 1990.
- SANTOS, Marcos Alexandre dos. **Textos medievais portugueses alcobacenses**: edição do “Espelho da Cruz” do cód. alc. 221. Relatório Final (Iniciação Científica) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- TEYSSIER, Paul. **La langue de Gil Vicente**. Paris: C. Klincksieck, 1959.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.